



APRH

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DOS RECURSOS HÍDRICOS
NUCLEO REGIONAL DO SUL

DEBATE
RIO GUADIANA
PASSADO PRESENTE FUTURO

**BACIA HIDROGRÁFICA DO GUADIANA: CONDIÇÕES QUE
LEVAM À RAREFAÇÃO POPULACIONAL**

Romana Marta da Rocha
João Ribeiro da Costa
João Farinha

Bacia Hidrográfica do Guadiana: Condições que levam à Rarefação Populacional

Romana Marta da Rocha ^{*}, João Ribeiro da Costa ^{**}, João Farinha ^{***}

1. Introdução

É sabido que o Alentejo e particularmente os concelhos situados na Bacia do Guadiana, têm sofrido nas últimas décadas fenómenos de desertificação e envelhecimento da população. Esta comunicação pretende dar a conhecer os resultados do estudo realizado no âmbito do Projecto MEDSPA-COVEPLAM, O Papel do Coberto Vegetal no Planeamento Ambiental Mediterrânico, no âmbito do qual foram avaliadas as condições de vida das populações dos concelhos da Bacia do Guadiana, tentando contribuir para o conhecimento das suas carências e necessidades.

Para a análise demográfica optou-se por recolher informação desde a década de 40, de forma a poder avaliar a evolução da população face ao grande número de fenómenos sociais, que vão das campanhas do trigo à emigração. O Instituto Nacional de Estatística (INE), foi o principal fornecedor de informação, quer em termos de População, Recenseamentos Populacionais e Estatísticas Demográficas, quer em termos de Actividades Económicas, Estatísticas Industriais e Estatísticas da Agricultura entre outras publicações. Outros organismos foram consultados como a Comissão de Coordenação da Região Alentejo (CCRA) o Instituto das Estruturas Agrárias e Desenvolvimento Regional (IEADR) e a Delegação Regional da Agricultura da Região Alentejo.

A informação recolhida, sempre que possível com uma desagregação ao nível concelhio, foi armazenada no Sistema de Informação do Guadiana, G4, de forma a ser possível a sua utilização numa base de dados georeferenciada.

Não se irá fazer uma descrição exaustiva de todas as etapas do estudo referido, uma vez que tal está fora do âmbito de uma comunicação; pretende-se antes, com base numa caracterização demográfica e das actividades económicas, dar uma visão evolutiva na perspectiva do diagnóstico da situação actual.

2. Enquadramento Nacional

O crescimento da população em Portugal, tem sido uma constante desde 1900 (entre 1900 e 1991 a população total quase duplicou, passando de 5.423.132 para 9.853.022 habitantes). Este crescimento não se efectuou de forma regular nem no espaço nem no tempo: a partir da década de 40-50 começam a verificar-se diferenciações espaciais deste ritmo: acentua-se o crescimento nos distritos do litoral, originando uma crescente dicotomia litoral/interior. Nas décadas seguintes continuaram a verificar-se variações positivas em termos de população total, com excepção

^{*} Bolseira do Uninova, Aluna de Mestrado em Planeamento Ambiental e Ordenamento do Território

^{**} Prof. Auxiliar da FCT/UNL

^{***} Prof. Auxiliar da FCT/UNL.

da década de 60 em que a emigração atingiu o seu valor máximo; cerca de 681.000 pessoas abandonaram o país, dando origem a taxas de variação da população total negativas. Na década seguinte volta a haver um aumento da população, derivado do retorno dos habitantes das antigas colónias, aumento feito de forma brusca, no essencial em 1975, muito diferente do movimento de retorno de emigrantes, difuso e prolongado. As avaliações mais correntes do número de “retornados” apontam para 600.000, cuja maior parte se localizou nas áreas economicamente mais activas: Lisboa (33.8%), Porto (11.4%), e Setúbal (10%).

Tentando sistematizar os factores de evolução da população em Portugal, considera-se que os mais relevantes foram: 1) entre 1911 e 1920, a uma emigração volumosa somam-se as consequências das epidemias de 1918 e 1919 (Medeiros, C.A.) e a primeira guerra mundial (causando cerca de 60.000 e 10.000 mortos respectivamente); 2) num período seguinte, entre 1950 e início dos anos 70, os factores principais são: a emigração legal e clandestina, a guerra colonial, e a diminuição das taxas de natalidade; 3) na década seguinte o crescimento populacional fica a dever-se essencialmente ao declínio da emigração e ao retorno dos emigrantes. O decréscimo no crescimento da população registado em 1991, assenta na diminuição das taxas de natalidade, e no envelhecimento da população, ver Figura 1.

Espacialmente a população tende a localizar-se na Áreas Metropolitanas de Lisboa e do Porto e em toda a faixa litoral onde se regista a concentração das actividades económicas, nomeadamente entre Caminha e Setúbal, acentuando-se os processos de Litoralização e Bipolarização. A população na área Metropolitana de Lisboa aumentou 64% entre 1970 e 1981; no mesmo período na Área Metropolitana do Porto aumentou 33,7%. Neste mesmo período a população do Norte Litoral, Centro Litoral e Algarve aumentou respectivamente 15,1%, 5,0% e 2,8%, ao passo que o Norte e Centro Interior e Alentejo perderam 20% e 24% respectivamente. A juntar a estes dois fenómenos (bipolarização/litoralização) saliente-se a concentração/rarefação. Neste cenário as regiões do interior vão sofrendo de falta de investimentos face à sua excentricidade, a população regista sucessivos decréscimos, as actividades económicas escolhem outras áreas para se localizar, e, não existindo condições para qualquer jovem iniciar uma actividade estes tendem a “fugir” para áreas mais desenvolvidas.

3. A Bacia do Guadiana

A Bacia do Guadiana abrange 33 concelhos das Regiões Alentejo e Algarve. Embora apenas 11 estejam na sua totalidade na bacia, dada a dificuldade em obter informação ao nível de freguesia, a análise é feita para a área dos 33 concelhos.

3.1. Distribuição Espacial

Com uma área de cerca de 26.929 Km², correspondendo a 1/3 da superfície do país, o Alentejo possuía em 1991 cerca de 5.8% da população total com uma densidade populacional média na ordem dos 20 hab/Km², ver Quadro 1. A população tende a localizar-se nas sedes de concelho, tendo a população residente em lugares entre os 5000 e 10 000 habitantes passado de 9.6% para os 14%, entre 1981 e 1991.

Quadro 1 - Densidades Populacionais (hab/Km²)

Região	1940	1950	1960	1970	1981	1991
País	84.17	85.27	90.00	87.64	106.72	107.04
Alentejo	27.41	29.00	28.26	21.81	21.48	20.18
Bacia do Guadiana	34.66	35.91	34.31	26.89	27.26	25.94
Conc. Beja	36.9	37.5	37.8	30.6	33.5	31.4
Conc. Portal.	57.9	62.9	63.6	57.8	61.2	58.5
Conc. Évora	32.6	36.2	38.3	35.8	39.4	41.1
Conc. Barrancos	20.7	21.5	20.4	15	12.33	12.2
Conc. Monforte	19.3	19.8	17.3	11.2	10.2	9
AML						754
EUR12						146

Fonte:INE

3.2. Evolução da População

Em termos evolutivos o fenómeno migratório não teve tanto significado na região Alentejo como no resto do país, quer em termos de quantitativos quer em termos de destinos. As pessoas que abandonavam a região, dirigiam-se essencialmente para a Área Metropolitana de Lisboa, preferencialmente para a margem sul. Desde 1940 a evolução da população tem registado sucessivos decréscimos. Exceptua-se a década da 40 em que, na sequência das campanhas do trigo, o Alentejo atraiu muita gente. A partir deste ano inicia-se um processo contínuo de decréscimo, apenas contrariado na década de 70 no Alentejo Litoral e no Alentejo Central, provavelmente resultado do empreendimento de Sines (Alentejo Litoral), da dinâmica da cidade de Évora e das indústrias do mármore no Alentejo Central. No entanto na década seguinte a população voltou a decrescer na quase totalidade dos concelhos Alentejanos.

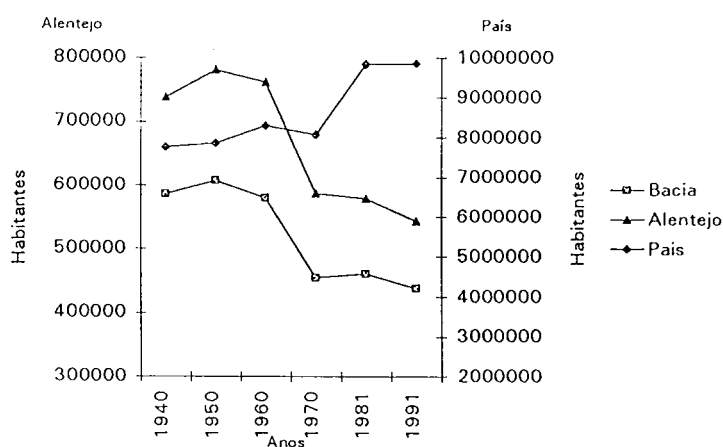


Figura 1 - Evolução da População no País, Alentejo e Bacia do Guadiana entre 1940 e 1991

Fonte:INE

Descendo a análise para o nível do concelho verifica-se que existem grandes diferenças no conjunto de concelhos da Bacia do Guadiana: enquanto que Barrancos possuía cerca de 2.052 habitantes em 1991, 0,5% do total da população da Bacia do Guadiana, Évora atingia os 53.754 habitantes, 12% da população da bacia. Confirma-se assim que, “Évora é cada vez mais o símbolo urbano do Alentejo” (GASPAR.1993), assistindo-se na última década a um desenvolvimento em várias áreas, como o assumir a posição de centro de serviços públicos e privados, centro universitário, de cultura e, por fim, de centro turístico.

4. A Estrutura da População

Tentando aferir a estrutura da população utilizou-se como ferramenta as pirâmides etárias de alguns concelhos e a agregação para a região. Estas são um óptimo instrumento de análise, uma vez que reflectem a estrutura da população: uma população jovem traduz-se numa base larga, que corresponde às idades menores; pelo contrário, uma população envelhecida reflecte-se por um alargamento das barras superiores. Este tipo de representação permite fazer comparações quer entre regiões, quer entre anos, dado que os valores são representados em percentagens de cada grupo relativamente à população total. Além de espelhar o envelhecimento/rejuvenescimento da população, é também possível aferir os movimentos naturais (natalidade e mortalidade, já referidos) e migratórios, bem como os níveis de população activa, (se em determinada pirâmide as classes correspondentes à população activa, revelam um “emagrecimento” então, algo se passa ao nível das actividades).

Nas pirâmides etárias para o continente, Figura 2 , verifica-se que entre 1950 e 1981, se dá um aumento do vértice, resultado da melhoria das condições económicas e médico sanitárias prolongando a esperança de vida, enquanto que na base se verifica uma diminuição dos efectivos na classe dos 0-4 e dos 5-9 anos, o que revela uma diminuição da fecundidade.

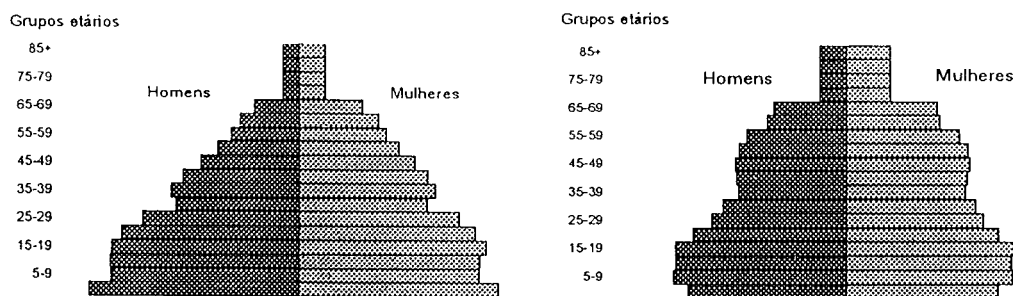


Figura 2 - Pirâmides Etárias do Continente em 1950 e em 1991

Ao observar a pirâmides etárias da região Alentejo, apresentadas na Figura 3, é nítido o já referido envelhecimento da população: diminuição das classes mais jovens (diminuição da natalidade) e, ao mesmo tempo, um acréscimo das classes referentes ao idosos. Todavia, se ao nível da região o comportamento não é favorável, ao nível dos concelhos a situação toma proporções ainda mais preocupantes, como é o caso de Barrancos, ver Figura 4, cuja estrutura populacional revela uma quase “inversão”. Para salientar este envelhecimento considere-se o Quadro 2, que contém os índices de envelhecimento, em alguns concelhos, entre 1960 e 1991. Este índice é o resultado da

relação entre a população de 60 e mais anos e a população de 20 e menos anos, apresentando-se os 6 concelhos com maiores índices de envelhecimento e os seis concelhos com menores índices. O que se conclui é que enquanto que em 1960 e 1970, os concelhos Algarvios possuíam os valores mais elevados actualmente são os concelhos alentejanos, nomeadamente do Baixo Alentejo que apresentam valores mais elevados.

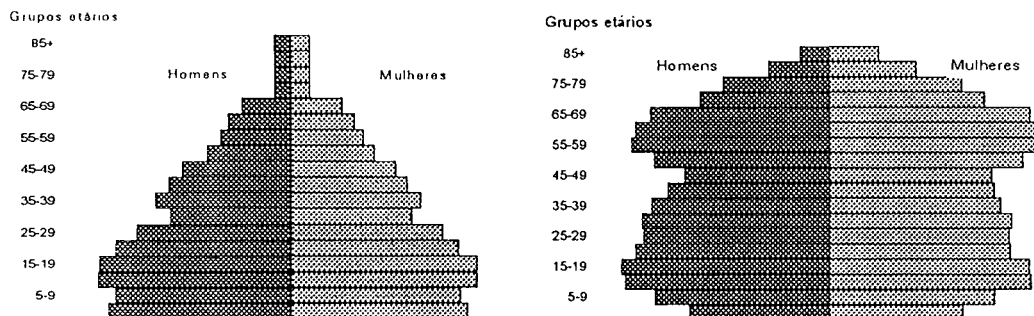


Figura 3 - Pirâmides Etárias da Região Alentejo em 1950 e 1991

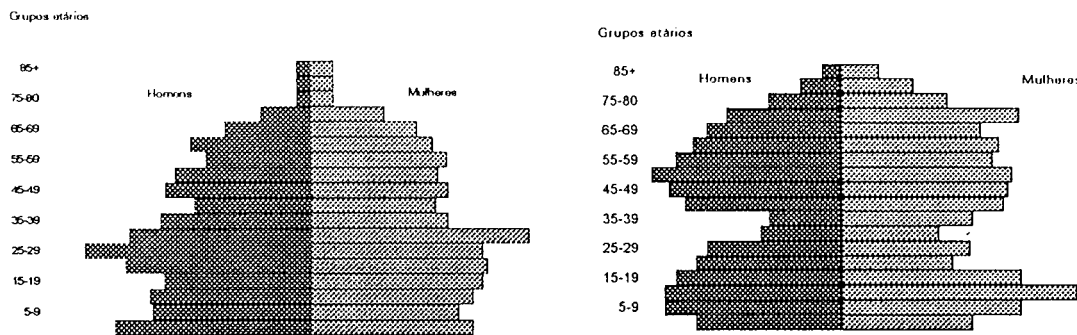


Figura 4 - Pirâmides Etárias do Concelho de Barrancos em 1960 e 1981

Quadro 2 - Índices de Envelhecimento

Valores mais baixos		Valores mais altos	
1960		1991	
Aljustrel	27.2	VRSA	74.18
Ourique	28.45	Évora	80.1
Almodôvar	28.63	V. Viçosa	85.4
C. Verde	30.76	Elvas	86.81
Borba	30.93	C. Maior	88.4
Serpa	30.95	Beja	90.3
Valores	mais	altos	
1960		1991	
Vidigueira	47.23	Monforte	141.48
Marvão	51.07	Ourique	154.23
Barrancos	51.32	Mertola	171.65
Tavira	55.52	Arronches	176.89
Loulé	55.71	Marvão	188.65
SBA	65.49	Alcoutim	225.54

Fonte: INE

5. Evolução da Estrutura das Actividades

Tendo ficado patente o envelhecimento e decréscimo generalizado da população e a sua distribuição espacial debruçemo-nos agora sobre o modo como as actividades na região têm evoluído. O estudo da evolução da estrutura da população activa representa um dos melhores indicadores relativos à organização e ocupação do espaço e ao dinamismo da população.

5.1. A Agricultura

A região Alentejo, e nomeadamente a Bacia do Guadiana, possuem uma tradição agrícola muito marcada; aliás é característica desta região a existência de grandes extensões de terras cultivadas com cereais, apenas interrompidas por alguns sobreiros e azinheiras e pelos típicos montes alentejanos, surgindo de quando em quando uma vila ou aldeia; é sem dúvida a paisagem característica de povoamento concentrado ou aglomerado. Todavia, actualmente a dependência da actividade agrícola está a diminuir de forma acelerada: apenas 11 concelhos possuem mais de 30% da sua população activa na agricultura (chegando no entanto a atingir os 41% em Portel), diminuindo os activos na agricultura, e aumentando os activos na indústria e nos serviços, ver Figura 5. Todavia a percentagem de população activa na agricultura no Alentejo ainda é superior ao Continente (23% e 17.5% respectivamente).

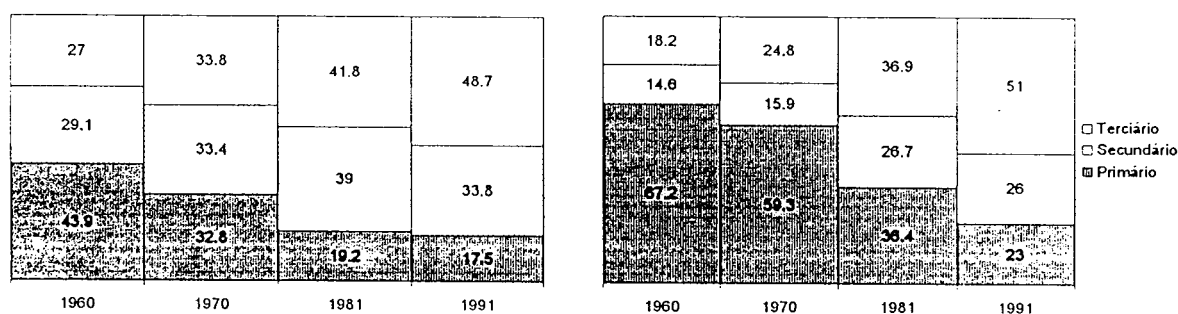


Figura 5 - Evolução da Estrutura da População Activa em Portugal e no Alentejo entre 1960 e 1991

O decréscimo da população neste sector além de ser uma tendência natural deve-se a um vasto conjunto de factores dos quais se destacam a nova Política Agrícola Comunitária e o rendimento agrícola. No primeiro caso a situação atinge proporções dramáticas ao nível social, devido à elevada média etária dos agricultores (cerca de 50 anos) e à sua enorme dificuldade de adesão a uma mudança que não sentem, recusando-se a zelar apenas pela manutenção dos solos, assumindo a função de “guardiões da natureza”. Outro factor não menos importante é a pobreza da maioria dos solos da zona. Numa escala de A até E - decrescendo a capacidade de uso do solo, verifica-se que apenas cerca de 36% pode ser considerada área agricultável (Classes A+B+C), sendo os restantes 64% considerada área não agricultável (classes D+E). Apenas Beja e Cuba possuem percentagens significativas da classe A, ver Figura 6.

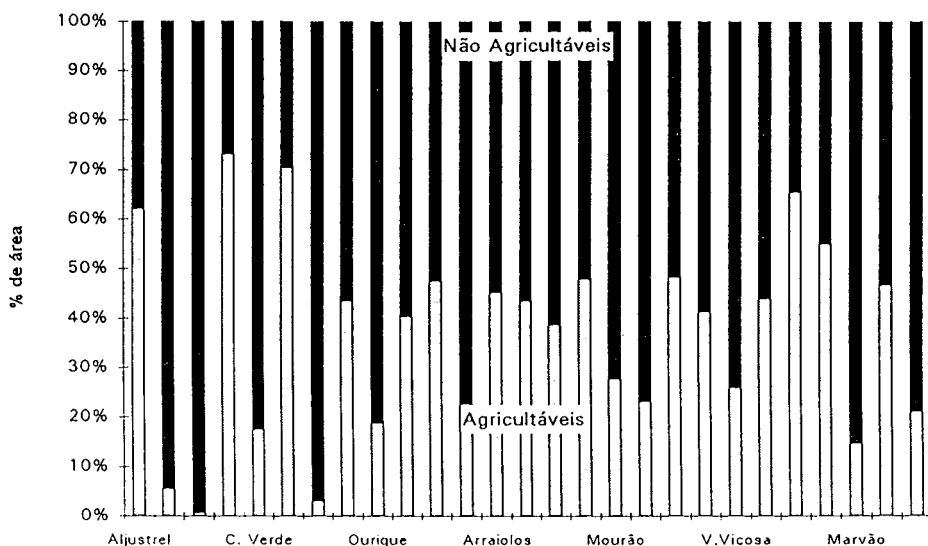


Figura 6 Classes de Utilização do Solo, Agricultáveis (A+B+C) e não Agricultáveis (D+E)

Fonte: CCRA

Apesar das condicionantes em termos de solos, várias são as culturas que podem, e devem, ser praticadas no Alentejo, nomeadamente a vinha (existindo já zonas demarcadas nos concelhos de Borba, Vidigueira, Redondo, entre outros) e a oliveira (mais vocacionado para o Baixo Alentejo). Esta última, teve um programa especial do PEDAP, Olivicultura, em que entre 1991 e 1992, os concelhos com maiores subsídios por hectare foram: Moura, Elvas, Serpa, e Estremoz. só nos concelhos de Moura e Serpa existem 16.000 hectares e 19.000 hectares respectivamente.

No que se refere à vinha, entre 1979 e 1989 deu-se um aumento quer do número de hectares quer da percentagem da SAU (Superfície Agrícola Útil); Reguengos de Monsaraz detém a maior área ocupada, de que resulta a maior produção anual no ano de 1992, ver Quadro 3.

Os produtos frescos e secos têm pouco significado no Alentejo, mas possuem áreas ocupadas consideráveis nos concelhos algarvios, nomeadamente no concelho de Loulé (6.700 ha).

Apesar do número de trabalhadores agrícolas ter diminuído, registou-se um aumento das áreas das culturas com maiores tradições, nomeadamente os cereais para grão, o que implica que tenha ocorrido um crescimento da mecanização agrícola.

Quadro 3 - Produção Vitivinícola nas Regiões Demarcadas em 1992 (Unidade Litro)

Região	V.Mesa	%	V.Regional	%	VQPRD	%	Total	%
Borba	91640	9.13	5999230	26.92	4338770	49.19	10429640	32.48
Évora	0	0	171000	0.77	307000	3.48	478000	1.49
Portalegre	0	0	351800	1.58	235200	2.67	587000	1.83
Redondo	0	0	4201200	18.85	1329400	15.07	5530600	17.22
Reguengos	210000	20.92	8584800	38.52	1949270	22.10	10744070	33.46
Vidigueira	0	0	2889500	12.97	555200	6.29	3444700	10.73
Moura	0	0	86800	0.39	86300	0.98	173100	0.54
Granja	702000	69.95	0	0.00	19000	0.22	721000	2.25
Total	1003640	100.00	22284330	100.00	8820140	100.00	32108110	100.00

Fonte: CCRA

5.2. A Indústria Transformadora

Desde muito cedo que o Alentejo se dedicou à transformação dos produtos da agricultura: as moagens, os lagares e as corticeiras fazem parte da tradição da região. No geral a indústria transformadora apresenta uma estrutura débil e pouco desenvolvida, representando apenas cerca de 4.6% do VAB do sector (do total do país), com unidades de reduzida dimensão: cerca de 72% das empresas possui menos de 10 trabalhadores, 64.5% das empresas destinando-se à transformação de recursos endógenos (alimentação e bebidas, madeira e cortiça e minerais não metálicos).

Em termos quantitativos os concelhos com maior número de empresas correspondem aos concelhos que desempenham funções de sedes de distrito, ou seja aqueles onde se tem verificado um certo dinamismo, que, obviamente, se reflecte na decisão de investimento: Évora é o concelho que regista o maior número de empresas (65 em 1988, das quais 25 pertencem à indústria alimentar, 18 à indústria da madeira e as restantes à indústria do papel, minerais não metálicos etc). Em segundo lugar surge, o concelho de Portalegre, (33 unidades, das quais 16 pertencem ao ramo alimentar, 6 à indústria da cortiça e 3 à indústria têxtil); saliente-se que os têxteis na região de Portalegre têm uma tradição que remonta ao sec. XVIII, tendo tido por base uma rede de artesãos localizados não só na cidade mas também em vilas próximas: os têxteis da fábrica de Portalegre, ainda actualmente feitos em grandes teares de madeira, são a mostra desta valiosa actividade artesanal, possuindo um grande prestígio e valor artístico. Nos lugares seguintes surgem Beja, Elvas (onde predomina a indústria alimentar), Loulé, Reguengos, Estremoz e Vila Viçosa.

Para comparação do rendimento da indústria transformadora de cada concelho utilizou-se o VAB per capita (Valor Acrescentado Bruto) referente a 1988. O concelho de Mourão, devido à instalação da fábrica da Portucel, é o concelho que possui valores mais elevados (3064 contos); seguem-se os concelhos de Évora, Portalegre, Campo Maior (com valores entre os 500 e 1.300 contos), ou seja os concelhos já referidos anteriormente possuindo maior número de empresas.

5.3. A Indústria Extractiva

O sector mais dinâmico da Região Alentejo no momento é a indústria extractiva; tem registado um crescimento considerável desde 1979; este crescimento é explicável na medida em que o Alentejo, e nomeadamente os concelhos da Bacia do Guadiana possuem cerca de 70% do total das jazidas de calcáreo, granito, pirites e urânio do país. Estas localizam-se em duas áreas denominadas pela CCRA por:

- o “corredor dos mármore”, que abrange os concelhos de Borba, Estremoz e Vila Viçosa, estendendo-se para Monforte, Arronches e Arraiolos, numa área de granitos;
- o “corredor das pirites” que se estende entre Castro Verde e Aljustrel.

A extração de mármore tem verificado um aumento bastante significativo da produção. Desde 1986, as taxas de variação têm variado entre 7.5% e os 11%; estes níveis de produção contribuem para colocar Portugal em segundo lugar na exportação mundial. Este material foi denominado de “o ouro branco do Alentejo”, no número 3 da revista Alentejo editada pela CCRA.

O granito, tal como o mármore é um sector que se tem vindo a expandir, tendo registado desde 1986 variações de produção entre os 14% a 34%. Este aumento da produção além de gerar riqueza para a região, tem induzido o desenvolvimento de indústrias transformadoras (ramo 3.6), principalmente em Vila Viçosa, já que o material exportado é cada vez mais o produto final.

Relativamente ao Xisto as principais reservas situam-se nos concelhos de Barrancos e Mourão, representando cerca de 80% da jazidas nacionais deste material. No entanto, só em Barrancos têm sido feitos alguns investimentos no sentido de vir a ampliar a produção material que, depois de polido e tratado, possui uma grande procura internacional, pelo que poderá ser um ramo que se devidamente aproveitado poderá gerar riqueza para esta área.

Relativamente ao “corredor das pirites” este estende-se entre Aljustrel e Castro Verde. Em Castro Verde saliente-se o dinamismo recente das minas de Neves Corvo que iniciaram a laboração em 1988, ocupando o primeiro lugar em Portugal na extração de cobre, tendo extraído em 1989 cerca de 409 347 ton (com um valor que rondou os 28.742.302 contos). Esta mina emprega cerca de 650 trabalhadores, possuindo ainda um centro de formação de mineiros. Dados os seus níveis de produção, induziu a construção de um trecho de caminho de ferro a ligar a mina à linha do sul (Ourique) que foi recentemente concluído.

6. Sintetização da Informação Recolhida

Esta breve análise dos sectores de actividade e do comportamento demográfico das populações dos concelhos da Bacia do Guadiana, deixa bem patente a diferenciação que existe entre eles, diferenciações essas que serão de seguida analisadas, incluindo cada concelho na NUTIII correspondente:

No Alentejo Central, a cidade de Évora polariza grande parte das actividades, continuando a crescer (possuindo cerca de 25% da população desta região). Este crescimento revela uma actividade intensa nos vários ramos: apenas com 9% da população activa na agricultura a Produção Agrícola e a Superfície Agrícola útil aumentaram entre 1979 e 1989.

É na área dos serviços que Évora ocupa maior parte da sua população 66%, induzida pelo crescimento das actividades deste sector, nomeadamente, bancos, serviços administrativos, turismo etc. Évora para a grande maioria dos indicadores calculados representa como que o objectivo a atingir, tal como se pode verificar no quadro IV, Évora, juntamente com Elvas apresenta o conjunto dos índices mais favorável.

Ainda nesta região o concelho de Vila Viçosa tem verificado um certo desenvolvimento, induzido pela indústria extractiva; este reflecte-se a vários níveis, quer no crescimento da população, quer no baixo desemprego (8.8%) e na percentagem de idosos (22% face aos 41% de Alcoutim), ver Quadro 4.

O Baixo Alentejo (com densidades populacionais com o valor mais baixo do continente 16 hab/Km²), é uma área em que a própria capital não está a conseguir polarizar a população, tendo registado apenas um pequeno acréscimo, na ordem dos 1000 habitantes, na última década. Os restantes concelhos apresentam características de profundo envelhecimento; Ourique, Mértola e Almodôvar apresentaram uma variação de população na última década entre os 17% e 15%, com percentagens de idosos superiores a 30%.

No Baixo Alentejo apenas o concelho de Castro Verde revela características diferentes, tendo-se mesmo verificado um aumento da população na última década. Esta inversão da situação justifica-se com o dinamismo da indústria extractiva, dado que foi durante a década de 80 (no ano de 1988) que as minas de Neves Corvo iniciaram a sua produção, gerando um dinamismo associado a esta actividade.

No Alto Alentejo e tendo apenas em conta os concelhos que fazem parte da Bacia do Guadiana, existem quatro concelhos que polarizam cerca de 37% da população total, são eles: Portalegre, Elvas, Ponte Sôr e Campo Maior. Estes concelhos, em termos de população total, registaram um decréscimo, ao nível dos aglomerados rurais dado que as sedes de concelho viram o seu peso aumentado, (entre 1970 e 1981 Elvas cidade aumentou de 8.1%, e na década seguinte, em Portalegre a população da sede aumentou de 6.1%). Actualmente Elvas, apresenta-se como “concorrente” de Portalegre, dada a sua localização relativamente a Badajoz, estando no percurso Lisboa-Badajoz-Madrid, tirando daí benefícios nomeadamente em termos turísticos (o aumento da sua percentagem de população no sector III foi de 11%). Os restantes concelhos apresentam características de envelhecimento e falta de actividades, salienta-se pelos valores obtidos Monforte e Marvão, que considerando o Quadro 4, encontram-se entre os concelhos, em que maior número de indicadores possuem “características negativas”

Finalmente os concelhos que fazem parte do Algarve, dividem-se nitidamente em dois grupos: aqueles que fazem parte da área litoral, com índices favoráveis e variações populacionais positivas na última década e percentagens de população activa no sector terciário superiores a 50%, (Loulé, São Brás de Alportel, Tavira e Vila Real de Sto. António); de entre os restantes salientam-se os concelhos de Castro Marim e de Alcoutim, este último com uma feição rural ainda muito marcada, em que grande percentagem da população trabalha na agricultura (37%), com a maioria da população a viver fora da sede de concelho (73%), uma taxa de actividade das mais baixas da Bacia (26.9%), e a taxa de analfabetismo maior da bacia 33%.

Os concelhos pertencentes ao Algarve têm registado um comportamento peculiar, no que se refere ao envelhecimento, desta forma, nas décadas de 60 e de 70, apresentavam os maiores índices de envelhecimento da Bacia, enquanto que os concelhos predominantemente rurais apresentavam este índice com valores mais baixos. Ao longo das décadas a situação inverteu-se e, actualmente, são os concelhos alentejanos os mais envelhecidos. Este fenómeno é justificável pelo envelhecimento e êxodo rural do Alentejo, que é contraposto pelo rejuvenescimento e atracção da população derivado do rápido crescimento da actividade turística nos concelhos do litoral algarvio.

7. Diagnóstico e Conclusão

A elaboração do Quadro 4 -Sumário dos Principais Indicadores Demográficos e da Actividade, teve como objectivo a sistematização de parte da informação recolhida e tratada, (nem toda referida nesta comunicação). tentativa de elaboração de um *ranking* de concelhos, na perspectiva da detecção de possíveis relações entre os indicadores. Estes objectivos foram claramente atingidos, pelo que se apresenta, de seguida, de uma forma sistemática as principais conclusões:

- Existe uma nítida diferenciação entre os concelhos pertencentes à Bacia do Guadiana, tanto em termos económicos como em termos demográficos. Salientam-se:

- Os concelhos que se encontram numa posição “menos favorável”, não se localizam apenas numa região do Alentejo,

- Os concelhos que se encontram numa posição “mais favorável”, são essencialmente:

Sedes de distrito (Évora, Beja, Portalegre);

Concelhos com um dinamismo recente, derivado da actividade industrial, (V. Viçosa, Castro Verde, Campo Maior), ou dos serviços, (Elvas, Loulé, Tavira),

- Existe uma relação estreita entre o dinamismo económico e o dinamismo populacional: dos concelhos que registaram um acréscimo de população na última década, Évora, Castro Verde, Vila Viçosa, Tavira, Loulé e São Brás de Alportel, todos eles nessa década registaram, em termos económicos, um dinamismo. Assim, o turismo foi factor decisivo no Algarve, induzindo a criação de empregos fazendo da Região Algarve aquela que maior

crescimento registou ao nível do país. O facto de apenas os concelhos do litoral apresentarem **comportamentos** positivos reforça o facto de estes terem “beneficiado” da explosão turístico-imobiliária .

Évora, cada vez mais o símbolo do Alentejo, é uma cidade que continua a crescer, desenvolvendo **principalmente** os serviços públicos e privados, e as instituições universitárias. Castro Verde viu, na última década **a sua** população activa a aumentar resultado do novo dinamismo, impulsionado pela abertura das minas de Neves **Corvo**,

- Mesmo os concelhos referidos no ponto anterior, apesar do seu comportamento **apresentam** uma estrutura populacional envelhecida, (percentagens de idosos superiores a 12%, e de jovens inferiores a 30%),

- Relativamente ao *ranking* de concelhos, nas primeiras posições aparecem os concelhos referidos no ponto anterior, nas últimas posições, os concelhos, cuja falta de população e o envelhecimento **começam** a tomar proporções dramáticas; a diminuição da população agrícola não está a ser compensada pelo aumento nos outros sectores não estando a ser desenvolvidas outras actividades com vista à fixação da população. **Além** deste facto, são concelhos com falta de acessibilidade, não beneficiando de uma localização central nem estando localizados nas principais rotas, como é o caso de Elvas, estando mesmo posicionados excentricamente face aos concelhos mais desenvolvidos (como é o caso de Alcoutim).

- Nesta região existe em tendência para o abandono das áreas rurais, ao mesmo tempo **que** as sedes de concelho e centros urbanos exercem um poder atractivo.

- Na Bacia do Guadiana o envelhecimento começou por se verificar nos concelhos **pertencentes** ao Algarve, mas actualmente, a situação inverteu-se, ou seja são os concelhos alentejanos aqueles **que** apresentam envelhecimentos mais acentuados.

- Tendência para o abandono das áreas rurais, verificado por um aumento do peso **percentual** das sedes de concelho.

-

Quadro 4 - Síntese dos Principais Indicadores

Conc.		Cres	%jov	%id	I_env	Dens	Tx_n	Tx_M	%Pop	Sect I	Sect III	Tx.Ac	Des	Analf
ALG	Alcout													
BX	Mert													
AA	Monf													
AA	Arronc													
AA	Marvão													
BX	Ouriq													
BX	Vidig													
BX	Almod													
BX	Serpa													
BX	Cuba													
AC	Mourão													
AC	Aland													
AC	Arrai													
BX	Portel													
BX	Moura													
AC	Estrem													
ALG	C.Mar.													
BX	Barra													
AC	Redond													
BX	Aljust													
ALG	S.B.Alport.													
BX	C.Verd													
AC	Borba													
ALG	V.R.S.A.													
AC	Reg.Mons													
ALG	Tavira													
AA	C.Maior													
AC	V.Viç													
ALG	Loulé													
BX	Beja													
AA	Portal.													
AC	Évora													
AA	Elvas													
	Portugal													
	EUR12													
	Ingalt													
	EUA													
	Japão													

O mais escuro representa a situação pior
 O mais claro representa a situação melhor

Bibliografia

- ALFACE, M.J. - **Indústria Transformadora no Alentejo - Análise de Evolução 1980-1988**. Évora, CCRA, 1993, 78p.
- ALMEIDA, C.F., CHINELO, L.F. - **Zonas Homogeneas de Produção Agro-Pecuária na Região Alentejo**. Évora, CCRA, 1993.
- CCRA - **Estatísticas e Indicadores Regionais**. Évora. 1992.
- CCRA - **Plano de Desenvolvimento Regional do Alentejo. Contribuição para o Q.C.A. 1994-98, Documento de Trabalho**. Évora, CCRA, 1992.
- CÓNIM, C. , CARRILHO, M.J. - **Situação Demográfica e Perspectivas de Evolução Portugal, 1960-2000**. Instituto de Estudos para o Desenvolvimento, Lisboa, 1989.
- GASPAR J. e outros - **Portugal os Próximos 20 Anos, Ocupação e Organização do Espaço**, I vol.FCG, Lisboa, 1987.
- GASPAR, J. - **As Regiões Portuguesas**. Direcção Geral do Desenvolvimento Regional.Lisboa 1993.
- INE: Estatísticas Agrícolas
Estatísticas Demográficas
Estatísticas Industriais
Recenseamentos Agrícolas
Recenseamentos da população e da Habitação
- MPAT, MARN - **Relatório do Estado do Ambiente e Ordenamento do Território 1992**. GEPAT, Lisboa, 1992.
- NAZARETH, J.M. - **Princípios e Métodos de Análise da Demografia Portuguesa**. Ed. Presença, Lisboa, 1988.
- SHICKERT, G; PALA, M e outros - **Manual de Apoio ao Investidor na Região do Alentejo**. Évora, CCRA, 1991.